

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E EDUCAÇÃO PATRIIONAL

Márcio Daniel Ramos da Silva

Universidade Federal de Campina Grande

marcio.drs@gmail.com

As fontes orais se constituem em importantes veículos de históriação da memória social, talvez o mais importante instrumento para isto. Elas se constituem em entrevistas gravadas com pessoas protagonistas ou que assistiram os acontecimentos. É um meio de se conhecer o ponto de vista do indivíduo acerca dos acontecimentos históricos sejam eles eventos da história tradicional, ou eventos da história popular.

Neste ponto, faz-se necessário definir o que conceitua-se por história tradicional história popular. Entendo por história tradicional um ensino que pauta em seu currículos grandes eventos, realizados por grandes pessoas, e que influenciaram em grandes coisas o mundo atual. É uma história de grandes acontecimentos, de grandeza, de elites. Os grandes acontecimentos da história tradicional ocorrem em períodos rigorosamente estabelecidos, pretendem apresentar causas e conseqüências claras, e em determinados períodos de tempo sugerem provocar grandes mudanças na humanidade. Esta história tradicional encontra-se hoje em desuso pelos historiadores contemporâneos. Uma razão para isto é que a própria sociedade não se identifica com a história elitizada.

Exemplificando, observamos que os heróis da história tradicional retratados nas estátuas nas praças simplesmente não são reconhecidos pelos transeuntes. Até muito pouco tempo atrás observava-se um desprezo da “grande massa” pelo que chamamos de Patrimônio histórico, o que ainda hoje ainda existe, sendo que em menor escala. A memória da população na maioria das vezes não se identifica com a história tradicional, e portanto, não vê razão para preservação de algo considerado estranho. Com isso explica-se a depredação e falta de conservação de muitos prédios tombados. A história

popular seria exatamente a das coisas mais tangíveis ao povo, o que está na memória, a visão de um povo do que realmente se constitui a história, história essa que não tem heróis, mais é construída pela coletividade. Algo mais presente, mais real, menos distante. É a história de cada um, o que Carlo Ginzburg chamou de micro-história.

Uma tendência mais contemporânea em relação ao modo em que estudamos a história é exatamente o uso das fontes orais, o meio pelo qual capturamos uma história do indivíduo, portanto mais humanizada. As fontes documentais, apesar de serem meios concretos e autênticos, carecem de sentimento. A frieza das letras desperta no leitor a sua interpretação pessoal dos tons, ou seja, o que parece ser uma história de fatos concretos acaba dependendo das subjetividades do interprete. Já a História Oral apresenta emoções, sentimentos do que o acontecimento relatado significa para o ser humano. Vejamos o que diz Eclea Bosi em seu livro “O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social”:

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades. (pg. 15)

A história oral é portanto, mais íntima do ser humano.

As narrativas autobiográficas e as oficinas de memória

Durante este ano de 2009, tive o prazer de ser integrante de um projeto chamado “Educação Histórica e Patrimonial no Ensino Fundamental: uma travessia intergeracional”. Dentre as atividades propostas estava a realização as “Oficinas de memória”. Dentro da perspectiva intergeracional do projeto, realizamos estas oficinas entre adultos e idosos, entre alguns segmentos da sociedade. Nestas reuniões, era proposto que cada indivíduo contasse qual o brinquedo ou a brincadeira que marcou sua infância. A partir disso, desenrolou-se toda uma narrativa autobiográfica em que vieram

à tona modos do cotidiano, regras de convivência, relações entre familiares, condições socioeconômicas, etc. As pessoas se emocionavam a saldar momentos passados de suas vidas, e por ai se identificou todo um contexto social de cada depoimento. Idosos, quando contavam suas histórias, relatavam suas memórias de criança, explicitavam o que consideravam realmente relevante.

A partir daí entende-se que queiram de alguma forma preservar os elementos de sua memória. No contexto das oficinas de memória, o meio que elas tinham para isso seria exatamente contar, compartilhar oralmente sua história. O anseio pela lembrança e o saudosismo pelo que passou se refletiam na emoção, na sensibilidade das pessoas. Mais em um contexto geral, conclui-se que estes saudosistas indivíduos também expressam o desejo de preservar o máximo possível de elementos de sua memória. Prova disto é que nas oficinas de memória havia idosos que preservam e guardavam os brinquedos de quando criança, estimando-os como bens preciosíssimos.

Esta experiência serviu para despertar nas pessoas participantes a importância da história enquanto instrumento da memória social. Com este exemplo prático, observa-se que as pessoas sentem o desejo de preservar elementos físicos de sua memória, como os próprios lugares que freqüentavam. Desta forma a sociedade consciente da importância da preservação da memória social dará valor aos prédios tombados, quando estes realmente fizeram parte da história do cotidiano.

Fora os tombamentos de patrimônios tangíveis, existe atualmente por parte dos órgãos públicos competentes o registro de patrimônios intangíveis, abrangendo manifestações culturais, que com o registro propõe-se que tenham a preservação assegurada. Nisso já se vê uma busca de órgãos como o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, em preservar a memória social.

Algumas ressalvas acerca do uso de fontes orais e a preservação do Patrimônio histórico

As fontes Oraís são de interpretação mais difícil para o historiador que as fontes documentais, por exigirem uma interpretação sutil e rigorosa das subjetividades presentes na fala do entrevistado. Há diversas coisas implícitas que o historiador poderá extrair das fontes orais, que podem trabalhar juntas com as fontes documentais. O historiador pode utilizar fontes de história oral pra respaldar e dar legitimidade social a eventos estudados, como pode utilizar fontes documentais para comprovar relatos orais.

Um exemplo da importância das fontes Oraís é a necessidade delas para uma nova visão da história: a dos derrotados. Durante toda a história dos movimentos sociais os grupos que perderam foram completamente escanteados da história. Esses grupos por diversas vezes tinham o apoio de boa parte da população, mais foram reprimidos pelas elites, sendo seus documentos e sua história destruídos. A história dos oprimidos também é oprimida. Desta forma, pergunto: o que seria da história do nazismo e do holocausto se não fossem as fontes orais? A história oral foi de suma importância neste evento. O historiador competente deve buscar os depoimentos tanto dos judeus que escaparam da morte, como dos soldados nazistas, no sentido de historicizar os pontos de vista individuais de cada grupo.

Quanto às atuais políticas de educação patrimonial e preservação do patrimônio histórico, seja ele tangível ou intangível, ressalta-se um evento chamado (neo)folclorização. Na insistência de valorização da cultura, observa-se a tentativa forçada da preservação da cultura e do patrimônio histórico, que faz que o cultural vire sinônimo de rústico, o rústico vire sinônimo de pitoresco, e assim, a visão de manifestações culturais como algo pitoresco provoca a visão da cultura popular como algo velho, “brega”, e antiquado.

Não é necessário portanto, forçar as manifestações culturais, visto que é fato que inevitavelmente elas mudam, sofrem alterações naturais. Outro exemplo de preservação forçada são as várias cidades da Paraíba onde valoriza-se o estilo arquitetônico “art-decô” nas ruas tombadas e fachadas antigas. Em nome de um conceito de arquitetura que pretende-se restaurar, a rusticidade e as cores sóbrias de algumas fachadas mais simples é substituída pelas cores vivas do “art-decô”. Talvez em nenhum momento da

história tal fachada tivesse tais cores. Exemplos não faltam de patrimônios históricos e culturais (neo)folclorizados.

Falta ai exatamente a consulta de fontes orais, pra que se saiba realmente o que existia antes e pode ser restaurado, o que realmente está desaparecendo e precisa ser preservado. A fontes orais são portanto, instrumento de preservação da legítima cultura de um povo.

Conclusão: As narrativas autobiográficas e a construção da memória social

As fontes orais são de extrema importância para a construção da memória social. Elas abrangem pontos de vista impossíveis para as fontes documentais. É o meio de retratação dos costumes, das relações entre indivíduos, das emoções. Eclea Bosi bem escreve sobre o tema nesta passagem de seu livro “O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social”:

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, toma a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta de paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. A literatura conhecia já está prática pelo mesmo desde o Romantismo: Victor Hugo faz surgir de Notre Dame de Pariz num quadro popular medieval que a história oficial havia desprezado. (pg. 15)

Nas narrativas autobiográficas, como reflexo da memória oral, revela-se os fatores históricos que realmente influenciaram as biografias. Segundo Maria Célia Paoli em seu artigo intitulado “Memória história e cidadania: o direito ao passado”, somos privados de cidadania se não temos memória, e se não valorizamos nosso passado. A

pesquisa com fontes Oraís provoca exatamente isso nos indivíduos entrevistados, a valorização da memória.

Referencias Bibliográficas:

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.